

A disciplina Ensino Religioso com adolescentes

Gisela I. Waechter Streck*

Resumo: O Ensino Religioso é uma disciplina escolar e seu objetivo não é converter alunos e alunas, nem ensinar a ter fé ou convencê-los a aderirem a uma determinada confissão religiosa. Como disciplina escolar acompanha o desenvolvimento da religiosidade do ser humano, desde a infância até a adolescência. Alunos adolescentes vêm de diferentes confissões religiosas e viveram experiências distintas nas suas famílias. Esta diversidade de experiências e os relacionamentos com outros são decisivos e determinam um desenvolvimento próprio, também em termos de religiosidade

Resumen: La enseñanza religiosa es una disciplina escolar y su objetivo no es convertir alumnos y alumnas, ni enseñarles a tener fe o convencerles de que se adhieran a una determinada confesión religiosa. Como disciplina escolar, acompaña el desarrollo de la religiosidad del ser humano desde la infancia hasta la adolescencia. Estudiantes adolescentes vienen de diferentes confesiones religiosas y vivieron experiencias distintas en sus núcleos familiares. Esta diversidad de experiencias y las relaciones con los otros son decisivas y determinan un desarrollo propio, también en términos de religiosidad.

Abstract: Religious Education is a school discipline and its goal is not to convert the students nor to teach them to have faith or convince them to adhere to some determined religious denomination. As a school discipline it accompanies the development of religiosity in the human being, from infancy through adolescence. Adolescent students come from different religious confessions and have had distinct life experiences in their families. This diversity of experiences and the relationships with others are decisive and determine their own particular development, also in terms of religiosity.

* Doutora em Teologia e professora no Instituto Ecumênico de Pós-Graduação da Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, RS.

Introdução

A adolescência é uma fase de transição na vida do ser humano, e o processo que se inicia é marcado por mudanças e transformações nos mais diferentes aspectos. É um período em que o ser humano se prepara para iniciar a vida adulta.

Alunos e alunas adolescentes que freqüentam a escola vêm de diferentes confissões religiosas e viveram experiências distintas nas suas famílias e nas comunidades de fé. Cada indivíduo responde de maneira peculiar aos acontecimentos do seu contexto e do seu meio social. Cada um teve modelos de adultos significativos e interagiu com estes de forma particular. Esta diversidade de experiências e os relacionamentos com outros e com seu meio social são decisivos e determinam um desenvolvimento próprio, também em termos de religiosidade. Na escola há, portanto, uma pluralidade cultural, social, confessional e religiosa.

A adolescência pode representar um período de transição no desenvolvimento da religiosidade, quando jovens iniciam uma fase de questionamentos em relação a experiências e conceitos de fé herdados de suas famílias ou comunidades confessionais. As “verdades”, que até aqui foram aceitas sem contestações, podem ser agora questionadas e colocadas em dúvida. Para muitos jovens inicia-se uma busca por uma religiosidade própria, que se define em novas imagens na forma de representar Deus e pela adesão a grupos que são escolhidos pelo indivíduo. Como lidar com alunos e alunas adolescentes, que estão numa fase de mudanças, de dúvidas e de incertezas?

1 - A disciplina Ensino Religioso

O Ensino Religioso é uma disciplina escolar, e seu objetivo não é converter alunos e alunas, nem ensinar a ter fé ou convencê-los a aderirem a uma determinada confissão religiosa. Como disciplina escolar, no entanto, acompanha o desenvolvimento da religiosidade do ser humano, desde a infância até a adolescência.

A adolescência pode ser um período na vida em que jovens experimentam um afastamento das suas comunidades de fé ou instituições eclesiais. O Ensino Religioso na escola poderá ser o único espaço onde alunos e alunas adolescentes têm a oportunidade de falar das suas experiências religiosas, de duvidar e questionar, e de perguntar pelo sentido da vida e do futuro. Como disciplina escolar, difere de outras propostas de ensino e de trabalho com jovens e crianças, oferecidas pelas comunidades de fé e insti-

tuições eclesiásticas. Sua condição de disciplina escolar traz implicações que determinam sua identidade, seus objetivos e sua forma de lidar com o público que a frequenta.

O Ensino Religioso é uma disciplina escolar, estando integrado ao currículo da escola. Ao Ensino Religioso também dizem respeito as questões didáticas e pedagógicas que afetam todas as demais disciplinas da escola. As questões pertinentes ao cotidiano da escola e relacionadas a comportamento, interesse e motivação de alunos e alunas, desempenho escolar e avaliações, uso de métodos de aprendizagem e dinâmicas, devem estar presentes no Ensino Religioso como nas demais disciplinas da escola e ser refletidas e discutidas no conjunto das disciplinas escolares, e não especificamente no Ensino Religioso. Pelo fato de ser uma disciplina escolar e integrada à escola, o Ensino Religioso se distingue de outros cursos de preparação ou grupos de trabalho com jovens que as comunidades confessionais oferecem aos seus jovens e crianças. O Ensino Religioso na escola, mesmo sendo uma disciplina como as demais, é *diferente*. O fato de ser “diferente” é percebido por alunos e alunas. Afirmações como “Ensino Religioso é um momento para *relaxar e debater sobre assuntos interessantes*”, ou para “*descansar*” das aulas regulares, como Matemática, Física, Português, são comuns e denotam um sentimento de que esta disciplina não se enquadra completamente na normalidade e no cotidiano da escola, pelo menos na visão de alunos e alunas. É possível relacionar aula e religião? Como relacionar fé e religião com rendimento escolar, com avaliação e notas, com a necessidade de repassar conteúdos?

O fato de estar integrado ao currículo de uma escola representa vantagens para o Ensino Religioso, como ter seu espaço e seu público assegurado, poder acompanhar o desenvolvimento religioso de crianças e jovens por um determinado período da vida e valer-se da organização e do planejamento escolar, como as demais disciplinas. Por outro lado, também significa estar sujeito às mesmas dificuldades, deficiências e limitações da escola como um todo. As perguntas e questionamentos que hoje são dirigidas à escola e sua função no mundo também dizem respeito ao Ensino Religioso: formar ou informar, repassar informações e conteúdo ou orientar no sentido de “aprender a aprender”, de “aprender a relacionar-se”? Estas questões dizem respeito a conteúdos, avaliações, planejamento e ao tratamento dispensado ao corpo discente: o objetivo principal é repassar os conteúdos programáticos, muitas vezes sem possibilidade de aprofundamento e discussão, sem a oportunidade de ir ao encontro de necessidades imediatas de alunos e alunas? A massificação em sala de aula, os grupos com 30 alunos ou mais, um período de 1 hora/aula por semana, representam problemas

para o Ensino Religioso e não permitem conhecer suficientemente alunos e alunas. Como consequência, não há espaço nem possibilidade para debater e aprofundar temas ou se ocupar com questões e perguntas de cunho mais pessoal e/ou grupal.

O Ensino Religioso e as demais disciplinas correm o risco de priorizar a aprendizagem cognitiva, atendo-se principalmente ao raciocínio, em detrimento de uma formação que leve em consideração também as questões emocionais e os sentimentos, as questões pragmáticas que exigem ação e os relacionamentos. Não é possível aprender sem aprender a relacionar-se. A postura didática que prioriza somente uma área de aprendizagem é problemática para o Ensino Religioso, porque as perguntas pelo sentido da vida dizem respeito ao ser humano integral.¹ Como o Ensino Religioso deve encarar as dificuldades, carências e limitações da escola e os questionamentos em relação à sua função nos dias de hoje? Nem uma postura de neutralidade nem de mera adaptação ou conformismo, mas com uma atitude de “solidariedade crítica com a escola”². Esta atitude significa uma disposição para buscar soluções, não somente para o Ensino Religioso, mas para a escola como um todo.

A avaliação é uma das dificuldades na disciplina Ensino Religioso. A pergunta mais freqüente, e feita especialmente por alunos e alunas, é sobre como avaliar a fé de uma pessoa. O que avaliar no Ensino Religioso? Como ser justo com alunos e alunas e, ao mesmo tempo, manter a seriedade e a função da avaliação? Por ser uma disciplina *diferente*, que lida com a religiosidade de crianças e adolescentes, o Ensino Religioso poderia reivindicar uma forma de avaliação diferenciada das demais disciplinas da escola e até optar por não avaliar alunos e alunas. Esta atitude, no entanto, não poderia ser definida como “solidariedade crítica com a escola”. Se o Ensino Religioso quiser contribuir para uma formação integral, não seria correto assumir uma postura diferenciada, mas deveria se sujeitar às mesmas condições que vigoram na escola e valem para todas as demais disciplinas. As perguntas sobre como deveria ser a avaliação e sua função na escola dizem respeito a todas as disciplinas, e não somente ao Ensino Religioso. Professores e professoras de Ensino Religioso podem contribuir, por meio da discussão pedagógica, para uma formação que tenha como sujeito o ser humano integral e esteja interessada não somente na aquisição e aperfeiçoamento do conhecimento cognitivo, do raciocínio lógico, na preparação para o vestibulo-

1 Cf. Paul TILLICH, *Dinâmica da fé*, p. 7-8.

2 Friedrich BOEBEL, *Ensino Religioso hoje*, p. 11.

lar e/ou para uma futura profissão. A formação integral orienta alunos e alunas e dá espaço para exercitarem a tolerância, a solidariedade, o engajamento social, a consciência democrática. A avaliação, neste caso, é somente uma parte da função da escola.

A função pedagógica da nota ou do conceito é possibilitar um retorno, um *feedback* para professores e professoras poderem acompanhar o desenvolvimento de seus alunos e alunas, e para estes deveria significar um estímulo e uma motivação. A questão da avaliação escolar merece uma reflexão, no sentido de que não se corra o risco de simplesmente subestimar aquilo que cada indivíduo pode oferecer em termos de rendimento e aproveitamento. Desumano é quando se julga o ser humano exclusivamente pelo seu rendimento, e seu reconhecimento como pessoa se torna dependente deste rendimento. É diferente, porém, quando alunos e alunas percebem em si mesmos que, por meio do seu desenvolvimento, seu crescimento e da aquisição de novas capacidades, conseguem realizar tarefas novas. Neste sentido, uma avaliação como “rendimento” pode ser aceita, pedagogicamente, como contribuição para a exigência de competência e pode ajudar na estruturação da identidade de alunos e alunas.³

Uma outra questão a ser considerada está relacionada ao grau de interesse que alunos e alunas demonstram pelo Ensino Religioso e os objetivos que a disciplina quer alcançar. Como ela é parte integrante do currículo da escola, alunos e alunas aceitam passivamente o fato de freqüentarem o Ensino Religioso, do mesmo modo como acontece com as demais disciplinas. Também o Ensino Religioso está inserido no clima de uma escola, e deste fazem parte momentos de interesse e de tédio, de alegria e de preocupação, de desânimo e de disposição para participar e aprender. O Ensino Religioso não pode ter expectativas diferentes daquelas que cercam toda a atividade e o cotidiano de uma escola e das disciplinas que a integram. A condição de “freqüência passiva”, ou seja, o fato de ser uma atividade que não foi conscientemente escolhida por jovens e crianças, faz do Ensino Religioso um programa diferente de outros, pelos quais alunos e alunas poderiam optar livremente. Esta condição, por outro lado, também determina o grau de expectativa e os objetivos que norteiam o Ensino Religioso.

O interesse que move alunos e alunas no Ensino Religioso é um fator que determina as expectativas a serem exigidas da disciplina. Professores e professoras de Ensino Religioso não deveriam ter a intenção de fazer de seus alunos e alunas assíduos freqüentadores de comunidades religiosas,

3 Cf. K. E. NIPKOW, *Bildung als Lebensbegleitung und Erneuerung*, p. 440-1.

nem assumir para si a responsabilidade que cabe à família na educação religiosa de seus filhos e filhas. Não deveria ser esta a principal expectativa nem a tarefa do corpo docente, mesmo que seja possível acompanhar o desenvolvimento da religiosidade na escola e o Ensino Religioso possa favorecer mudanças de comportamento. Esta constatação não significa tirar a importância da disciplina, nem estimular um acomodamento das pessoas responsáveis por ela. Professores e professoras têm a tarefa de planejar aulas de Ensino Religioso que sejam criativas, interessantes e proveitosas, assim como deveriam ser todas as demais aulas na escola. As expectativas em torno do alcance da disciplina determinam as metas que a escola e o corpo docente podem colocar para o Ensino Religioso. A seriedade e a honestidade deveriam nortear a reflexão, para definir com clareza os seus objetivos e afastar aqueles que extrapolam sua função como disciplina escolar. Esta atitude preserva professores e professoras da frustração e da perda da sua “autoridade interior”, na medida em que não se exigem metas que não podem ser alcançadas.⁴

2 - Proposta de Ensino Religioso com adolescentes

A proposta de Ensino Religioso é elaborada a partir de um diálogo entre a realidade de adolescentes e o Ensino Religioso, e aborda questões relacionadas aos objetivos da disciplina, ao planejamento de conteúdos, à realidade de adolescentes e à metodologia que deveria ser empregada com alunos e alunas adolescentes.

Na questão dos objetivos do Ensino Religioso, é necessário levar em conta a própria adolescência. Como fase de transição, ela marca o início de mudanças nos mais diferentes aspectos da vida, seja biológico, psíquico, social ou cognitivo. Esta fase de transição e de mudanças pode significar conflitos e rebeldia, num grau mais ou menos acentuado, um comportamento extremamente crítico, ou não, em relação à geração precedente e à forma como a sociedade se organiza. Na escola, as mudanças podem ser percebidas por professores e professoras, quando alunas e alunos, antes comportados e estudiosos, começam a se rebelar e não aceitam mais passivamente conteúdos, metodologias, avaliações; criticam o desempenho do corpo docente e colocam em dúvida a necessidade de frequentar a escola e a validade de certas disciplinas. As perguntas mais comuns são: “Para que aprendo isso? Será que vou usar algum dia?”⁵ Numa fase da vida em que

4 Cf. Friedrich BOEBEL, op. cit., p. 12-3.

5 Tânia ZAGURY, *O adolescente por ele mesmo*, p. 47. Cf. também p. 34;45-8.

começam a querer objetivar seu sistema de valores, fazer auto-escolhas e tomar decisões sobre sua vida e seu futuro⁶, são normais a dúvida, o questionamento e a crítica. Também as questões relacionadas à religiosidade, à pertença e à vivência em comunidade de fé fazem parte deste sistema que começa a ser posto em dúvida. Quando adolescentes não conseguem entender a finalidade de certas exigências que lhes são feitas, como frequentar uma escola ou uma determinada disciplina, estudar (e muitas vezes decorar) um certo conteúdo, reagem com questionamentos e críticas. Para adolescentes, o parâmetro para medir a importância ou não de certos conteúdos ou disciplinas é o futuro. Para uma parte de alunos e alunas adolescentes, futuro é sinônimo de vestibular. A pergunta que serve como referencial para medir a necessidade e a importância ou não daquilo que é exigido é: “prepara ou não para o vestibular?”.

Por outro lado, quando há dúvidas e perguntas, também existe a possibilidade e/ou a disposição para buscar e receber respostas. Adolescentes querem saber sobre a finalidade que o Ensino Religioso pode ter para sua vida e para seu futuro. Se religião é assunto “íntimo de cada pessoa, da família e da Igreja e não deve ser tratado em público”, como muitas vezes se afirma, por que Ensino Religioso na escola? Estas questões merecem ser respondidas, e, para tanto, os objetivos da disciplina precisam estar claros. O Ensino Religioso deveria ser significativo para a vida de adolescentes e um referencial para refletirem sobre seus projetos e sobre o sentido da vida, e não somente para o vestibular.

O espaço do Ensino Religioso na escola pode ser usado para tematizar com alunos e alunas os objetivos e a validade da disciplina para o presente e o futuro. A postura de diálogo entre professor/a e seu grupo de alunos e alunas, no entanto, só poderá acontecer se houver clareza a respeito dos propósitos e da importância da disciplina, também por parte da escola. A postura de reflexão e de diálogo sobre os objetivos da disciplina somente ocorrerá num clima de liberdade e de abertura se o/a professor/a tiver consciência da sua função e convicção da importância que a disciplina tem na vida de seus alunos e alunas. Relacionar a vida e a fé, saber diferenciar entre a tarefa que cabe à comunidade confessional e à escola não podem ser exigidos do corpo discente como pressupostos. Estas questões, no entanto, necessitam estar claras para a escola e para professores e professoras, para que possam ser refletidas e tematizadas com alunos e alunas adolescentes.

6 James FOWLER, *Estágios da fé*, p. 138.

As teorias do desenvolvimento indicam para o início da adolescência a idade em torno de 10/11 anos e para o seu final a idade de 20 anos ou mais. Assim, a adolescência é vivida também na escola: da 5ª ou 6ª série do ensino fundamental até o 3º ano do ensino médio. Estas delimitações etárias sugerem que é possível fazer um planejamento de conteúdos para o Ensino Religioso em dois níveis: de uma maneira mais abrangente e com blocos temáticos relacionados às diferentes fases que transcorrem no período da adolescência. As teorias do desenvolvimento humano demonstram que há diferenças entre pessoas nas diversas faixas etárias que compõem a fase da adolescência e até entre indivíduos com a mesma idade. As experiências, os relacionamentos, os desafios e estímulos do meio social, as respostas que cada pessoa dá, a aquisição de novas capacidades determinam diferentes níveis de desenvolvimento. Se, por um lado, é possível planejar blocos temáticos mais abrangentes para jovens que têm desde 11/12 anos até 16/17 anos, por outro lado, também é necessário levar em conta as necessidades e as características próprias de cada idade.

A definição dos conteúdos curriculares deveria manter uma flexibilidade entre blocos temáticos mais abrangentes, necessidades, dúvidas e perguntas de alunos e alunas que surgem no dia-a-dia e temas específicos que dizem respeito a cada faixa etária, representada pelas diferentes séries que compõem o universo escolar. As teorias que estudam o desenvolvimento humano são um instrumento importante para se saber quais as características, as capacidades e as tarefas que esta etapa impõe ao ser humano.

O planejamento dos conteúdos deveria levar em conta as necessidades de adolescentes e ouvir alunos e alunas para saber a respeito das suas opiniões, idéias, dúvidas e perguntas. Mas também é necessário ter clareza em relação aos objetivos da disciplina. Não se deveriam tematizar somente as questões que interessam aos adolescentes, mas também aqueles temas que vão colocar novos horizontes, para que os e as jovens não estagnem no seu processo de desenvolvimento. Neste sentido, as teorias do desenvolvimento humano podem ajudar porque possibilitam conhecer as características da pessoa numa determinada faixa etária e permitem que necessidades daquele momento e daquela fase sejam tematizadas, para que possa haver avanços no processo de desenvolvimento. Os diferentes níveis de desenvolvimento que as teorias apresentam, no entanto, não podem ser vistos como modelos ou alvos educacionais que alunos e alunas devam atingir, mas são, antes, horizontes para onde é possível olhar⁷. O planejamento do conteúdo

7 Cf. F. SCHWEITZER, *Lebensgeschichte und Religion*, p. 242-3.

curricular para as séries escolares que abarcam a adolescência deveria, assim, ter a participação de diferentes sujeitos: a escola, o corpo docente responsável pela disciplina e o corpo discente, que, através de pesquisas e consultas, pode expressar suas necessidades e seus interesses.

As teorias do desenvolvimento apontam a fase da adolescência como um período em que o ser humano pode iniciar processos de transição para a vida adulta como pessoa madura e autônoma. No desenvolvimento do julgamento moral masculino, o adolescente pode iniciar uma transição para a maturidade e a autonomia de julgamento. Partindo de um nível caracterizado por uma moral baseada na obediência a leis e normas e de respeito pelas autoridades, sem questioná-las, é possível avançar para um estágio em que o indivíduo busca uma teoria moral e princípios que fundamentam as leis. Este é o objetivo que pode ser alcançado por adolescentes: encontrar conceitos e valores éticos por meio dos quais raciocinem e julguem, não obedecendo cegamente a leis, mas sendo autônomos no seu julgamento moral. Estes valores éticos devem ser escolhidos e assumidos pessoalmente. A pessoa se conscientiza de que há diferentes leis, regras e valores que orientam a convivência de indivíduos e de grupos e que podem ser assumidos se forem considerados justos e de acordo com a vontade da maioria⁸.

O desenvolvimento do julgamento moral feminino difere do masculino pelo fato de estar vinculado a uma “ética de cuidados” e enfatizar os “relacionamentos”. A mulher necessita superar o conflito entre o egoísmo (cuidar de si mesma) e a responsabilidade (cuidar de outros) e construir relações de interdependência, em que as pessoas cuidam e são responsáveis umas pelas outras. O objetivo, para alcançar a maturidade no julgamento moral feminino, é poder assumir relacionamentos interdependentes e se responsabilizar pelos seus atos, tomar suas próprias decisões com cuidado e assumi-las pessoalmente⁹.

A vida em sociedade se caracteriza pelos relacionamentos diferenciados, que devem ser escolhidos e assumidos responsabilmente. Mesmo que homens e mulheres percorram caminhos diferentes no seu desenvolvimento moral, é possível estabelecer objetivos comuns: definir uma escala de valores que possa orientar a vida, tomar decisões e se responsabilizar por elas, descobrir que há uma diversidade de opiniões, valores, respostas e formas de viver, e aprender a relacionar-se de tal modo que a vida em comunidade possa ser assumida responsabilmente por todos.

8 Ibid., p. 116.

9 Carol GILLIGAN, *Uma voz diferente*, p. 86-91.

Na adolescência, as relações sociais também se modificam. Na medida em que a pessoa adolescente expande seu círculo de relações e se integra gradativamente na sociedade, vai percebendo que existem diferentes grupos e uma pluralidade de opiniões, crenças e estilos de vida e que a convivência nem sempre é pacífica, podendo haver conflitos e intransigências. A pluralidade existente na sociedade brasileira também está presente na escola e, especialmente, no Ensino Religioso. Numa sociedade pluralista como a brasileira, o desafio é aprender a conviver de forma adequada com as diferenças, e, para tanto, a pessoa precisa ter, num primeiro momento, clareza a respeito das suas próprias convicções, valores e crenças para depois respeitar as opiniões, estilos de vida e crenças de outros indivíduos e grupos. O Ensino Religioso pode orientar adolescentes na sua tarefa de fazer suas escolhas e se posicionar, respeitando as escolhas e as opções que outros fizeram, considerando-as como legítimas.

O desenvolvimento da religiosidade também tem características peculiares, e existe a possibilidade de mudanças na adolescência. A pessoa adolescente poderá chegar, nesta fase da sua vida, agudamente vinculada aos seus grupos e à sua comunidade de fé, sem conseguir separar sua própria identidade das expectativas e valores de outros e dos grupos aos quais pertence, aceitando-os sem contestação. Esta fase também representa a possibilidade de iniciar um processo de transição que se caracteriza por objetivar, colocar em dúvida e examinar todo o sistema de valores, de crenças e de fé. A pessoa adolescente pode começar a refletir criticamente sobre o sistema, inclusive o religioso, que fora anteriormente aceito sem questionamentos e, numa etapa seguinte, escolher as crenças, os valores, a visão de mundo e os grupos aos quais quer pertencer¹⁰.

Adolescentes podem assumir ou não um comportamento marcado pelo conflito e pela revolta, por questionamentos a respeito da fé e da existência ou não de Deus, a respeito da justiça no mundo e da maneira como a sociedade está organizada, um comportamento marcado por uma postura crítica e de afastamento das suas comunidades e grupos confessionais. No entanto, quando há carência de experiências religiosas, de convívio familiar ou comunitário, adolescentes podem demonstrar indiferença em relação à religiosidade e a grupos ou instituições religiosas. A fase de transição pode se caracterizar por diferentes níveis de desenvolvimento e de maturidade e por uma diversidade de atitudes, posturas e comportamentos, resultado das experiências individuais, grupais e comunitárias que cada adolescente teve na sua infância.

10 Cf. James FOWLER, *Estágios da fé*, p. 16-7.

O Ensino Religioso para adolescentes deveria levar em conta a realidade e as necessidades desta fase da vida, a diversidade em termos de experiências e de níveis de desenvolvimento, as questões relacionadas a gênero e a heterogeneidade de expectativas e interesses que podem ser encontradas num grupo de jovens. A disciplina poderá contar com instrumentos específicos que se referem às novas capacidades cognitivas adquiridas na adolescência.

O Ensino Religioso pode contribuir para o processo de transição para a vida adulta, de integração na sociedade e na busca por um fundamento e um sentido para a vida, na medida em que estimular o próprio processo de desenvolvimento de adolescentes. Os valores e os princípios éticos e morais que vão nortear a definição de projetos de vida e a atuação na sociedade podem receber um conteúdo religioso, e adolescentes podem ser orientados a assumirem sua responsabilidade como pessoas adultas. O Ensino Religioso com adolescentes deveria estimular o uso das capacidades que até aqui não estavam disponíveis e orientar o desenvolvimento da religiosidade em direção a uma religiosidade madura.

Na adolescência, o ser humano pode iniciar um processo de estruturação da sua identidade e separar seu eu dos outros e das expectativas dos grupos aos quais pertence. Ele se torna apto a mudar as imagens (antropomórficas) infantis de Deus e construir novas imagens em formas abstratas: Deus não é mais definido a partir das qualidades de pessoas adultas que foram significativas na infância, mas a partir de Deus mesmo. Esta transição significa amadurecer na fé, ao buscar um sentido e um fundamento para a vida em Deus, dando a ele o seu devido lugar. Elaborar uma identidade própria, construir novas imagens de Deus, buscar em Deus um poder que fundamente e dê sentido à vida são questões decisivas para a fase da adolescência.

Considerações finais

O Ensino Religioso é uma disciplina escolar como as demais, mas é diferente. “Ser diferente”, no entanto, não precisa ter uma conotação negativa, mas pode ser visto como uma oportunidade para potencializar a participação de adolescentes no planejamento e escolha dos conteúdos, na organização e coordenação das aulas, na determinação do método de avaliação. O Ensino Religioso, mesmo tendo objetivos e temas condutores definidos, será uma disciplina diferente e importante, na medida em que abrir espaço para a participação de alunos e alunas e colocar em discussão as questões e as perguntas que dizem respeito à realidade das pessoas adolescentes.

Por causa da capacidade de pensar de forma abstrata, adolescentes estão aptos, pela primeira vez, a se relacionarem de igual para igual com pessoas adultas, ou seja, existe a oportunidade de se estabelecer um novo tipo de relação entre o grupo de alunos e alunas e o seu professor ou professora. Uma forma de relação interpessoal adequada, neste caso, é o relacionamento por meio de contratos. Firmar um contrato pressupõe condições e disposição para o diálogo. O contrato firmado no grupo poderá abranger todas as questões relativas ao Ensino Religioso, como a escolha do tema, a preparação e coordenação das aulas, as dinâmicas que serão usadas e a forma de avaliação, e, ainda assim, permite preservar o papel que professor/a e alunos/nas desempenham no grupo, resguardando as responsabilidades e o papel de cada um. Elaborar um contrato permite que deveres e direitos possam ser discutidos, fixados e assumidos de comum acordo por todo o grupo. O estabelecimento de um contrato estimula a busca por posicionamento próprio, por clareza de idéias, possibilita a participação de todos os indivíduos que compõem o grupo, permite o intercâmbio de opiniões e a convivência com as diferenças.

O Ensino Religioso deveria priorizar o trabalho em grupos, estimular e fortalecer o sentimento grupal entre alunos e alunas. O grupo tem uma importante função na socialização de jovens e na sua busca por independência, na promoção da auto-estima e aceitação mútua, na necessidade de estruturar e proteger sua própria identidade. Grupos possibilitam a troca e o confronto de idéias, favorecem a disposição de compartilhá-las, permitem exercitar o “ouvir” e a empatia, conhecer e deixar-se conhecer. Adolescentes poderão se auxiliar mutuamente na tarefa de estruturar a identidade, de definir uma escala de valores, de escolher princípios éticos e morais que vão nortear o agir na sociedade; na tarefa de encontrar novas formas de experimentar e expressar a religiosidade e buscar um fundamento e um sentido para a vida e o futuro. No trabalho em grupos, adolescentes poderão se ajudar mutuamente, quando puderem participar, tomar decisões e se responsabilizar por elas e quando forem estimulados a ouvir e se posicionar diante de idéias e opiniões de outras pessoas. A autonomia de pensamento e o posicionamento próprio podem ser construídos na interação e no relacionamento grupal, por meio da possibilidade de participar nas decisões, com uma atitude de respeito e de tolerância para com as opiniões de outras pessoas do grupo.

Na fase da adolescência, as pessoas começam a perceber que a sociedade humana é caracterizada pela pluralidade e pelas diferenças. Há diferentes culturas, religiões, costumes, estilos de vida, comportamentos, visões de mundo e formas de interpretar a realidade. A pluralidade existen-

te na sociedade também se encontra representada na escola e no grupo que compõe uma série escolar. Adolescentes deveriam ser orientados a perceberem, com maior clareza, esta realidade e, tendo como elemento motivador a própria realidade do grupo, podem ser motivados e orientados a conviverem de forma adequada numa sociedade pluralista como a brasileira. O diálogo é um instrumento imprescindível para aprender a conviver com as diferenças.

O Ensino Religioso na escola deveria ser um espaço aberto ao diálogo, onde adolescentes podem participar, duvidar e perguntar, compartilhar suas experiências, medos e anseios, seus planos e projetos. O Ensino Religioso é um espaço onde a pergunta pelo fundamento e sentido da vida e do futuro pode ser tematizada e compartilhada.

Referências

BOEBEL, Friedrich. *Ensino Religioso hoje: objetivos, dificuldades, chances e auxílios*. Tradução de Lúcio Fleck. Departamento de Educação – IECLB, 1995. (texto não publicado).

FOWLER, James. *Estágios da fé: a psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido*. São Leopoldo: Sinodal/IEPG, 1992.

GILLIGAN, Carol. *Uma voz diferente: psicologia da diferença entre homens e mulheres da infância à idade adulta*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1982.

NIPKOW, K. E. *Bildung als Lebensbegleitung und Erneuerung: Kirchliche Bildungsverantwortung in Gemeinde, Schule und Gesellschaft*. 2. ed. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus Mohn, 1992.

SCHWEITZER, Friedrich. *Lebensgeschichte und Religion: Religiöse Entwicklung und Erziehung im Kindes- und Jugendalter*. 3. ed. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 1994.

TILLICH, Paul. *Dinâmica da fé*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1980.

ZAGURY, Tânia. *O adolescente por ele mesmo: orientação para pais e educadores*. Rio de Janeiro: Record, 1996.